



PAULO E OS CRISTÃOS JUDAIZANTES NA COMUNIDADE DE FILIPOS

Lucileide Cavalcante Silva¹

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar como Paulo enfrentou a atuação de cristãos judaizantes na comunidade cristã de Filipos. Os cristãos judaizantes estavam gerando tensões na vida da comunidade filipense. Diante dessa situação, Paulo, através da Epístola aos Filipenses, procura oferecer uma solução para essa situação. A metodologia utilizada neste trabalho é a pesquisa bibliográfica em diversos teólogos e biblistas conceituados.

Palavras-Chave: Cartas aos Filipenses. Paulo. Judaizantes. Cristãos. Cristo

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo analisar as tensões entre os cristãos-judaizantes e os cristãos-gentios presentes na Carta aos Filipenses. Encontra-se, nesse contexto, uma tensão entre, de um lado, os judeus-cristãos e seus costumes baseados na Lei, do outro, a centralidade da fé em Cristo como norma única para os cristãos de origem pagã.

O Apóstolo entende que os títulos de glória exaltados pelos seus opositores, a imposição da circuncisão aos cristãos-gentios como identidade de pertença ao povo da aliança, tudo isso não vale nada diante do conhecimento de Cristo Jesus ao afirmar com toda radicalidade que “os circuncidados somos nós que prestamos culto pelo Espírito de Deus e nos gloriamos em Cristo Jesus e não confiamos na carne” (Fl 3,3).

Na carta aos Filipenses, Paulo apresenta sua argumentação para desconstruir o discurso dos cristãos-judaizantes e afirmar quais os verdadeiros fundamentos da fé cristã da comunidade.

¹ Licenciada em Ciências da Religião pelo Instituto Diocesano de Estudos Superiores de Tianguá – IDEST. Especialista em Ética e Sociedade pela Universidade do Vale do Acaraú – UVA. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Contato: lucileidecavalcante@yahoo.com.br

1 O CONTEXTO DA CIDADE DE FILIPOS

Filipos era uma cidade pequena na região da Macedônia, contudo era uma cidade importante, com cerca de mil habitantes. Tinha tanto prestígio que Paulo, ao embarcar pela primeira vez em terras europeias para intentar sua missão basilar, não fez o trajeto comum que seria ir pelo Golfo de Neápolis, que ainda hoje subsiste com o nome de *Kolpos Kavalla*, a noroeste da Ilha de Tarso, no Mar Egeu. Ao invés, dirigiu-se a Filipos, situada a 16 km em direção ao interior, na estrada romana *via Egnatia*, que ligava a Itália com a Ásia (HENDRIKSEN, 2013, p. 355).

A cidade de Filipos tem esse nome em homenagem ao rei da Macedônia, Filipe II, pai de Alexandre Magno. Era um centro comercial e militar de certa relevância, uma porta de entrada para a Europa e estava localizada numa posição estratégica, que facilitava o intercâmbio do interior com o porto de Neápolis.

No período de 42 AEC,² a cidade foi palco de uma batalha que, de certo modo, decidiu o vaticínio da república romana entre os cesarianos Otávio e Antônio e os republicanos assassinos de Cesar, Bruto e Cássio. Depois da batalha, o vitorioso Antônio passou a colonizar a cidade nesse período. Daí a presença dos veteranos de guerra que foram trazidos para ali morar. Ao lado dos soldados vivia a antiga população da cidade, bem como pessoas procedentes de diversas regiões do Império.

A cidade foi engrandecida com a posição de colônia militar, com o título de *Colônia Julia Augusta Philippiensis*, uma pequena Roma, com direitos especiais, tais como: isenção de açoitamentos, de prisão, a não ser em casos extremos; privilégios econômicos como isenção de tributo, vantagens políticas e muitos outros direitos. Seus habitantes eram predominantemente romanos (HENDRIKSEN, 2013, p. 358).

1.1 A comunidade cristã de Filipos

Paulo e seus companheiros Silas e Timóteo, no decurso de sua segunda viagem missionária, chegaram a Filipos e por lá permaneceram aproximadamente nos anos de 50/51 a 53/54 EC³ (HENDRIKSEN, 2013, p. 359) (At 15, 36 - 18,17).

Como de costume, no sábado, o Apóstolo saiu em busca de uma sinagoga, mas o texto não deixa claro se havia este local de oração dos judeus na cidade. A

² AEC: Antes da Era Comum.

³ EC: da Era Comum.



narrativa descreve que os judeus da região se reuniam à margem de um rio, possivelmente uma das fontes ou o rio Angites. Junto à margem desse rio havia um lugar de oração, de acordo com os costumes da época.

Apenas algumas mulheres estavam reunidas, mas mesmo assim, Paulo e sua equipe partilharam o Evangelho. Nessa pequena assembleia encontrava-se Lídia, uma comerciante de púrpura, natural de Tiatira (hoje Akhisar, na Turquia), que era temente a Deus e possivelmente uma mulher de posses, pois a púrpura era um negócio lucrativo.

A missão evangelizadora de Paulo em Filipos foi desafiadora, como o próprio Apóstolo atesta quando escreveu mais tarde aos cristãos de Tessalônica: “sofremos e fomos insultados em Filipos. Decidimos, contudo, confiados em nosso Deus, anunciar-vos o Evangelho de Deus, no meio de grandes lutas” (1Ts 2,2).

Como colônia romana a cidade possuía uma relativa diversidade cultural com numerosos grupos étnicos que foram trazidos com a ampliação do Império. Desse modo, o sincretismo dominava no campo religioso.

A comunidade cristã de Filipos era composta basicamente por pagãos-cristãos, os quais estabeleceram laços afetivos com o Apóstolo mesmo depois de sua saída conflituosa. Eles permaneceram fiéis ao Evangelho e a Paulo, mantendo comunicação com ele mesmo quando de sua prisão, enviando doações (Fl 4,10-20) e, principalmente, encaminhando Epafras para auxiliá-lo em suas necessidades e sofrimento na prisão (Fl 2,25-30).

Foi a única comunidade da qual Paulo recebeu ajuda financeira segundo suas cartas (Fl 4,15-16; 2Cor 11,9). No período da coleta para Jerusalém, a Igreja de Filipos foi profundamente generosa, sendo apresentada como modelo à Igreja de Corinto (2Cor 8,1-5).

2 PROPÓSITO DA CARTA

Em Fl 2,25 - 4,18, Paulo recebeu a visita de Epafras com a doação da comunidade dos filipenses. Decidiu, então, escrever-lhes movido pela gratidão e pelo desejo de admoestar-lhes sobre o confronto entre as várias concepções relativas ao anúncio da mensagem missionária. Essa situação estava sendo causada pela vinda de outros evangelizadores, os cristãos-judaizantes, que pregavam um evangelho que Paulo considerou como um falso evangelho.



O que a comunidade de Filipos estava vivenciando era um problema de liderança ou autoridade apostólica. A grande questão é: quem tem autoridade apostólica na Igreja? Como distinguir entre o autêntico e falso missionário?

Para Paulo, o eixo fundamental da autoridade do evangelho estava no próprio evangelho, ou seja, na pessoa de Jesus crucificado e ressuscitado, pois a sua principal preocupação era que os ensinamentos de Jesus fossem anunciados como expressão definitiva de amor em sua morte de cruz (Rm 12,1-2).

O centro do entendimento de Paulo, o traço essencial do evangelho, o que permite discernir entre o falso e o verdadeiro evangelho, é a cruz. O evangelho de Jesus Cristo está centrado na cruz. Quem anunciar o evangelho e não colocar a cruz no centro, não anuncia Jesus.

3 AS TENSÕES ENTRE OS CRISTÃOS-JUDAIZANTES E OS CRISTÃO-GENTIOS

Para tratar especificamente da questão dos cristãos-judaizantes e de como Paulo lidou com essa situação, vamos nos voltar mais especificamente para o capítulo 3 da Carta aos Filipenses, no qual o Apóstolo apresenta seus argumentos mais incisivos para refutar os seus adversários.

3.1 Os cristão-judaizantes

Para compreendermos o conflito enfrentado por Paulo, precisamos nos perguntar: quem seriam esses cristãos-judaizantes?

O termo judaizante tem origem na transliteração, via latim, do verbo grego *ioudaizein*. O sentido usual do verbo era “viver como judeu segundo os costumes judaicos” (HAWTHORNE; MARTIN; REID, 2008, p. 751).

Os cristão-judaizantes faziam parte do grupo de cristãos de origem judaica que haviam acolhido a mensagem de que Jesus era o messias e se tornado membros da comunidade cristã. Os cristãos-judeus, de modo geral, continuavam vivendo segundo os costumes judaicos, porém acreditavam que Jesus era o messias e procuravam seguir o ensinamento sobre ele, pois os “primeiros cristãos, discípulos de Jesus, eram todos judeus que permaneceram fiéis ao judaísmo da sinagoga e ao Templo, até sua destruição, em 70” (SCARDELAI, 1998, p. 231).

Os cristãos-judaizantes eram um grupo radical dentre os cristãos de origem judaica. Eles discursavam que os cristãos vindos do gentilismo tinham por obrigação



estar subordinados as leis do judaísmo. Porém, para Paulo, os que abraçavam a nova fé eram introduzidos diretamente no cristianismo e se tornavam herdeiros da promessa do antigo Israel, sem a obrigação de vivenciar os ritos da antiga Lei.

Esse termo, judaizante, vai aparecer em algumas cartas paulinas, como em Gl 2,14: “por que forças os gentios a viverem como judeus?”. Aqui encontra-se uma crítica de Paulo sobre a postura de Pedro que, sendo judeu, levava uma vida de gentio, mas que adotou na comunidade dos gálatas uma postura judaica. Em 2Cor 12,11, Paulo argumenta que em nada foi inferior a esses “einentes apóstolos.

O Apóstolo demonstra em diversas passagens de suas cartas um tom mais áspero, carregado de cólera, quando ele lida com os adversários que enganam os membros das Igrejas fundadas por ele. De fato, há alguns sinais da existência de certos cristãos-judeus que duvidavam que os cristãos-gentios pudessem ser considerados membros do povo de Deus sem cumprir os preceitos da Torá.

3.2 De que se vangloriar?

Os propagandistas cristãos-judaizantes, que agiam na Igreja macedônica, se orgulhavam de serem circuncidados e consideravam esse rito um privilégio. Paulo também podia fazer valer os seus privilégios étnicos, históricos e religiosos como membro do povo israelita, porém ele os renunciou porque, à luz da fé cristã, eles lhe pareceram uma perda e não um lucro (cf. Fl 3,7-9). Desse modo, Paulo confronta com a circuncisão física a circuncisão espiritual dos crentes e imergidos em Cristo.

Os cristãos-judaizantes defendiam o valor da circuncisão, pois era o selo da aliança que representava e lembrava o sentido de pertença às promessas de salvação. Porém Paulo corrige isso afirmando que essa aliança não é mais com Israel segundo a carne, pois agora esse povo são os que acreditam no Cristo Jesus. “É judeu aquele que como tal aparece externamente, e a verdadeira circuncisão é a do coração, segundo o espírito e não segundo a letra: aí está quem recebe o louvor, não dos homens, mas de Deus” (Rm 2,29).

Segundo G. Barbaglio:

Os rivais que penetravam na Igreja de Filipos eram, pois, judeus-cristãos que ostentavam como título de glória o próprio enraizamento na mais pura tradição judaica, pretendendo, evidentemente impô-la aos convertidos do paganismo da Macedônia. A analogia com uma passagem da 2Cor 11,29-30, também leva nessa direção: “São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São



PAULO E OS CRISTÃOS JUDAIZANTES NA COMUNIDADE DE FILIPOS

descendentes de Abraão? Também eu. São servidores de Cristo? Falo como um tolo, eu o sou mais ainda” (1991, p. 392).

Para Paulo estar em Cristo é primordialmente superior a tudo o que ele já possuía: “os circuncidados somos nós, que prestamos culto pelo Espírito de Deus e nos gloriamos em Cristo Jesus e não confiamos na carne” (Fl 3,3).

Esta nova compreensão da aliança vai exigir da pessoa humana uma nova criatura, uma criação de Deus, mas que necessita unicamente de sua iniciativa e que só se mantém com seu auxílio. É definida pelo Espírito (2Cor 3,6). Somente o Espírito concede à humanidade reconciliada com Deus, por Jesus Cristo, ter com este mesmo Deus o vínculo apropriado, instituir com ele um culto, uma homenagem autêntica, experienciada no mais íntimo do ser, abrangendo sua existência toda e, como tal, aceita por Deus (LÈGASSE, 1984, p. 51).

Portanto, para Paulo, se havia algo de que alguém pudesse querer vangloriar-se, esse algo era a pertença à Cristo, por quem “tudo considero perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por ele, perdi tudo e tudo tenho como esterco, para ganhar a Cristo e ser achado nele” (Fl 3,8-9).

3.3 Alegres no senhor

Para Paulo, o cristianismo era a religião da alegria. Por isso, era inconcebível aceitar uma alegria que não fosse em Cristo (cf. Fl 3,1). Das 326 ocorrências das palavras que indicam alegria no NT, 131 encontram-se nas 10 cartas que costumam ser atribuídas a Paulo. Por essa razão, Paulo também é considerado o teólogo da alegria, da mesma forma que é chamado o teólogo da graça.

A entrega que Paulo faz de si mesmo ao seguimento de Cristo é de alguém que encontrou um tesouro, foi lá e vendeu tudo o que tinha para comprar esse tesouro (Mt 13,44). Para ele, o cristão é uma pessoa que está “em Cristo”. O centro gravitacional de sua vida gira em torno da união com Cristo.

Essa questão é particularmente relevante para o Apóstolo, especialmente quando ele se confronta com os cristãos-judaizantes que depositavam suas alegrias em bens, títulos ou esforços conquistados por eles. Paulo quer imprimir na comunidade filipense valores que a traça não corrói (cf. Mt 6,19-26).

Ao afirmar que tudo o que possuía antes de conhecer a Cristo nada mais



significa, Paulo deixa claro que tudo o que antes era precioso para ele como fariseu, agora nada vale. Todos esses lucros se transformaram em perdas. Por que? Por amor a Cristo. Por isso, ele tem argumentos fortíssimos contra os cristãos-judaizantes que valorizavam ao máximo esses títulos, essas garantias terrenas.

Portanto, a contestação de Paulo ilumina uma colossal fissura social, aberta no cristianismo antigo. Paulo deseja debater a participação dos cristãos fiéis na glória de Deus; essa é a essência mística e apocalíptica do cristianismo (SEGAL, 2010, p. 252).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na comunidade filipense Paulo dirige-se àqueles a quem foi concedida, em relação a Cristo, a graça não só de crer nele, mas também de por ele sofrer, “empenhados no mesmo combate em que me viste empenhado e em que, como sabeis, me empenho ainda agora” (Fl 1,29-30).

Percebemos nesta carta o embate entre Paulo e os cristãos-judaizantes que pregavam um evangelho diferente e se julgavam superiores: “gloriavam-se dos méritos e títulos, de falsos lucros e punham sua confiança na carne” (cf. Fl 3,3). Agindo assim, estes opositores agitavam a comunidade plantada por Paulo contradizendo os ensinamentos do Evangelho de Cristo testemunhado pelo Apóstolo.

Paulo consegue enfrentar tenazmente os cristão-judaizantes porque ele os entende muito bem, afinal ele viveu e sentiu como eles durante muito tempo de sua vida. Entretanto, Paulo experimentou uma a Lei nova, a justiça verdadeira, abandonou a crença em suas próprias forças e entregou-se a Cristo, experimentando a confiança no dom de Deus.

Em suma, Paulo, ao contrário de seus opositores, que pregavam um cristianismo com uma face gloriosa e triunfante, esquecendo-se da cruz, oferece uma presença real bem diferente em sua pessoa de apóstolo fraco e perseguido. Ele exorta a comunidade a configurar-se com o Crucificado e a trilhar o caminho da cruz até chegar à aurora da libertação completa.

REFERÊNCIAS

BARBAGLIO, Giuseppe. **As cartas de Paulo**. Volume II. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2009.



BARTH, Gerhard. **A Carta aos Filipenses**. São Leopoldo: Sinodal, 1983.

BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2011.

HAWTHORNE, Gerald F; MARTIN, Ralph P; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Loyola, 2008.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Efésios e Filipenses**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LÉGASSE, Simon. **A Epístola aos Filipenses e a Epístola a Filêmon**. São Paulo: Paulinas, 1984.

MARTIN, Ralph P. **Filipenses: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1985.

SCARDELAI, Donizete. **Movimentos messiânicos no tempo de Jesus: Jesus e outros messias**. São Paulo: Paulus, 1998.

SEGAL, Alan F. **Paulo, o convertido**. São Paulo: Paulus, 2010.

